

# Total de crianças sem escola vai dobrar até fim do ano, diz economista da FGV

Estudo baseado em dados oficiais prevê uma evasão escolar de três milhões

Marcelo de Mello

• Apesar da tentativa do Governo de aumentar o número de matrículas, o país deverá chegar ao final de 1998 com cerca de seis milhões de crianças fora da escola, mais do que o dobro do número oficial hoje (2,7 milhões), segundo estudo do economista Ib Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio. Baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das secretarias estaduais de Educação e do Ministério da Educação (MEC), ele estima que o ano letivo esteja começando com 3,1 milhões de crianças de 7 a 14 anos sem estudar. A elas, vão se somar três milhões de alunos que deixarão a escola.

Além disso, o funil do sistema educacional indica que é um privilégio chegar ao Segundo Grau e à universidade: de dez estudantes que entram no ensino básico, apenas dois conseguem chegar à oitava série.

## 1998 será ano perdido para mais de 9 milhões de crianças

Conforme artigo publicado na última edição da revista "Conjuntura econômica", além desses seis milhões, Teixeira leva em consideração em sua análise os três milhões de repetentes crônicos, chegando a um total de mais de nove milhões de alunos para quem 1998 vai ser um ano perdido. Isso é quase igual à população de Portugal (9,9 milhões) e equivale a um terço da população argentina:

— O Governo estima em 2,7 milhões as crianças fora da escola mas o número de crianças fora do processo educacional de fato pode chegar a dez milhões — afirma Teixeira.

Os 3,1 milhões de crianças fora da escola representam 2% da faixa etária em idade escolar (de 7 a 14 anos), que tem cerca de 27,6 milhões de indivíduos. O economista culpa a burocracia, os baixos salários e a má distribuição geográfica das escolas pela ineficiência da educação básica.

De acordo com o economista, faltam vagas perto das casas dos estudantes, exigindo que eles sejam transferidos para escolas mais distantes. Teixeira critica o hábito brasileiro de construir escolas suntuosas, como os Cieps e os Ciacs, em beira de estrada, em vez de nos locais onde existem crianças:

— Mesmo com o transporte gratuito, essa situação exige uma enorme força de vontade da criança. Se na favela funcionasse uma pequena sala de aula, daria muito mais resultados.

Segundo Teixeira, no Chile o analfabetismo foi combatido com pequenas salas de aula e com professoras que recebiam do Governo uma subvenção por aluno. Hoje, o Chile tem uma taxa de analfabetismo entre 3% e 4%.

Em vez da ajuda financeira a país que mantenham seus filhos na escola (conforme acontece no Distrito Federal e em parte da Região Nordeste), Teixeira defende a experiência do Chile (país que tem um dos melhores resultados no combate ao analfabetismo), onde os pais recebem subsídio para pagar às escolas que escolherem. Paralelamente, o Governo divulga uma avaliação das escolas.

— Isso estimula a competição entre as escolas e incentiva os professores, já que as escolas com as melhores avaliações vão receber mais. É uma tentativa de

levar a lógica de mercado à educação e libertá-la da burocracia.

Outra falha da política de educação do Brasil na avaliação de Teixeira é a concentração de investimentos federais no ensino universitário, ao contrário do que fazem países com nível de escolaridade mais alto.

Diz o estudo do economista que no Brasil o Governo federal gasta 75% das verbas para educação no ensino superior, enquanto a Coreia destina 10% e o Chile 30%:

— Enquanto isso, os governos estaduais e federal estão subvencionando em 50 mil dólares gente que pode pagar faculdade, já que este é o custo dos cursos de medicina, odontologia e engenharia de universidades públicas, frequentados por gente que estudou em colégios caros. É uma subvenção indireta. Tenho um amigo que mantinha o filho em escola particular e quando ele passou para a universidade construiu uma piscina em casa com o dinheiro da mensalidade que passou a economizar.

O estudo de Ib Teixeira indica ainda que o Brasil tem cerca de 20 milhões de analfabetos absolutos (dado que exclui os que sabem ler mas sem um nível básico de compreensão). Isso põe o país no mesmo patamar da Índia, de Bangladesh, da China, do Egito, da Indonésia, do México, da Nigéria e do Paquistão, entre outras nações.

## Ministro prevê mais de 300 mil novas matrículas

No Rio, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, afirmou ontem que a Semana Nacional de Matrícula vai superar a meta estabelecida por ele mesmo de alcançar mais de 300 mil novas ins-

crições de crianças em idade escolar (entre 7 e 14 anos).

Os dados finais da semana — que foi realizada de 7 a 14 de fevereiro — ainda não estão organizados e só vão ser divulgados amanhã.

Eles seriam divulgados hoje, mas, segundo a assessoria de imprensa do MEC, os dados dos municípios demoraram a chegar à sede do ministério em Brasília. No domingo, o ministério havia recebido apenas 20% das novas matrículas realizadas pelos municípios.

O ministro Paulo Renato participou ontem do encerramento da primeira reunião da Comissão Para Implementação da Parceria para Educação Brasil-Estados Unidos, realizada no Palácio do Itamaraty, no Rio. Durante a reunião, foram decididos intercâmbios de tecnologia, de professores de português e inglês e de estudantes universitários entre os dois países. A comissão tem prazo de dois anos para implementar as primeiras medidas.

## Pnad de 96 indica 2,7 milhões de crianças fora da escola

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo IBGE, de 1996, o Brasil tem mais de 8% das crianças de 7 a 14 anos fora da escola. Na época, isso representava 2,7 milhões de crianças.

O censo escolar de 1997 levantou um número menor: 1,8 milhão de crianças fora da escola. A campanha Toda Criança na Escola, lançada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em outubro do ano passado, montou 38 mil postos de inscrições para a Semana Nacional de Matrícula. ■

COLABOROU Luiz Fernando Manso